



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde

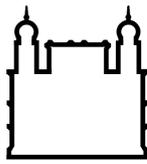
MEMÓRIA E INFORMAÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA: POR UMA POLÍTICA DE ACESSO ÀS MEMÓRIAS DO HOMICÍDIO

Por

Alex Medeiros Kornalewski

Projeto apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Orientador: Maria Cristina Soares Guimarães

Rio de Janeiro, 2015



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

**MEMÓRIA E INFORMAÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA: por uma política de
acesso às memórias do homicídio**

Por

Alex Medeiros Kornalewski

Projeto apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Soares Guimarães

Rio de Janeiro, novembro / 2015

Resumo: O presente projeto tem por interesse analisar os relatos autorais dos sujeitos que praticaram o ato de homicídio, uma vez que esta tipologia documental encontra-se dispersa e fragmentada na comunidade científica. Esses relatos são essenciais para, não somente registrar as memórias do crime, como também para permitir o entendimento sobre os efeitos da violência no corpo social, o que demonstra a importância desses registros como uma fonte de informação. Em complemento, pretende-se discutir sobre a política de acesso a esses documentos, bem como sua importância para a implementação de políticas públicas.

Palavras-chave: Memória. Informação. Violência. Política de acesso. Relatos autorais.

Abstract: This project has the interest to analyze the authorial reports of the persons who committed the act of murder, since this document type is scattered and fragmented in the scientific community. These reports are essential to not only record the memories of the crime, but also to allow the understanding of the effects of violence in the social body, which demonstrates the importance of these records as a source of information. In addition, we intend to reflect on the development of an access policy to these documents and its importance for the implementation of public policies.

Key-words: Memory. Information. Violence. Access policy. authorial reports.

SUMÁRIO

1	OBJETIVOS	5
1.1	OBJETIVO GERAL	5
1.2	OBJETIVO ESPECÍFICO	5
2	INTRODUÇÃO	6
3	JUSTIFICATIVA	8
4	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	14
5	RESULTADOS ESPERADOS	17
6	CRONOGRAMA	18
	REFERÊNCIAS	19

1 OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os relatos dos sujeitos que praticaram o homicídio, de forma a estabelecer o diálogo entre as memórias do crime e as possibilidades informacionais desses relatos, com vistas à construção de uma política de acesso que torne estes documentos visíveis para futuras pesquisas e práticas.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Investigar as fontes que disponibilizam os relatos autorais daqueles que cometeram o crime de homicídio, tendo como foco para a presente pesquisa as seguintes fontes: livros, dossiês, entrevistas e grupos de pesquisa.
- b) Refletir sobre a questão do matar e como esta prática de violência apresenta semelhanças e singularidades com as concepções da morte, tendo como viés de discussão a prática do homicídio, bem como o impacto deste tipo de violência naqueles que cometeram este crime.
- c) Discutir sobre a relação e os efeitos da narrativa e da informação, uma vez que a primeira é um meio de memória que permite a elaboração do crime de homicídio e a possível socialização do sujeito e, no caso da informação, temos a possibilidade de construção da cidadania do sujeito, o fomento de pesquisas e a promoção de estudos interdisciplinares.
- d) Analisar a política de acesso e, por conseguinte, as implicações éticas dos documentos que versam sobre os homicídios, pois são fontes primárias que envolvem o sujeito e o judiciário, atores fundamentais para a informação sobre o delito em questão e cruciais para as diversas práticas científicas, por exemplo, estudos epidemiológicos, criminalistas, psicológicos e afins.

2 INTRODUÇÃO

O recente relatório do *United Nations Office on Drugs and Crime* (UNODC) de 2013, revela, em extensas páginas, um dos motivos pelos quais a morte não só é uma constância do ser humano, como também é uma violência passível de ser traumática. Em exemplo, temos os dados sobre o mecanismo de homicídio por continente, no qual as Américas aparecem com o maior índice de mortes por armas de fogo, cerca de 66%, revelando 41% das mortes no mundo por este dispositivo.

O Brasil ocupa o terceiro lugar na América do Sul com 25% da taxa de homicídios, perdendo apenas para a Colômbia, 31%, e para a Venezuela, 54%. Destes índices de morte, se selecionarmos apenas as mortes causadas por íntimos, independente dos meios aplicados (armas de fogo, armas brancas e afins), temos em todos os continentes um número maior de morte do gênero feminino, chegando ao patamar de 46% de entropia, ou seja, temos um abismo que demonstra um nível volumoso de morte de mulheres em comparação com o de homens. Por último, podemos citar o índice geral de mortes por assassinatos, ou homicídios, que no Brasil e nas Américas em geral chega ao índice de 96% das mortes para o gênero masculino (UNODC, 2013).

A partir das estatísticas apresentadas acima, podemos dizer que somos afetados cotidianamente pela relação entre a informação e a memória em nossa contemporaneidade. A disseminação da informação sobre homicídios, independente das circunstâncias, ronda os jornais televisivos, impressos, online e demais fontes, introjetando a sensação de criminalidade e ausência de segurança pública em nossa memória. Todavia, para além dessa memória dita “oficial” das práticas de homicídio, também situam-se inúmeras memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), que podem explicar o porquê, afinal, o ser humano pratica o ato de homicídio (FARIAS, 2010).

Os homicídios, entendidos como uma causa externa de morte, envolvem uma complexidade de fatores e de áreas de conhecimento, que trabalham em conjunto, para propor soluções a algo que aflige a sociedade cotidianamente,

dentre as quais podemos destacar: a criminologia, vitimologia, psicopatologia forense, antropologia, psicanálise e afins. Uma das questões fundamentais dessa atuação conjunta de diversas áreas é justamente compreender o que leva a ação e quais os efeitos dessa prática de violência no sujeito, que se relaciona com duas questões delicadas, e mesmo consideradas tabus, na sociedade: a morte e o matar.

Sendo assim, este projeto de tese pretende aprofundar-se nos estudos sobre o sujeito que praticou o homicídio, à luz do campo da Informação e da Memória Social, no entendimento de que o sujeito que pratica o ato de homicídio, relaciona-se de forma íntima com dois pontos que são encarados como tabus: a morte e o matar. Nessa relação complexa e tênue em que o enquadrado como criminoso se insere, interessa-nos refletir sobre seus relatos autorais, entendido como uma fonte de duplo valor: mnésica e informacional. O projeto em questão pretende ser desenvolvido em nível de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICT) em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto de tese se justifica pela relevância e pelos cuidados necessários ao se desenvolver uma pesquisa que envolve uma tipologia documental delicada, por descrever violências diversas, contemplando tanto as violências infligidas pelo sujeito que cometeu o crime de homicídio, quanto as violências praticadas contra o mesmo antes, durante ou mesmo depois do preso sair do cárcere com vistas a ressocialização.

Diante do exposto, algumas questões merecem uma fundamentação antes de discutirmos sobre a importância do testemunho, especificamente os relatos autorais daqueles que cometeram o homicídio, seus efeitos pelo viés da Memória Social e a importância desse tipo de documento em termos de acesso à informação. Dessas questões, vale discorrermos sobre a violência e sua divisão primeva entre violência originária e violência reativa (FARIAS, 2012).

Segundo Farias (2012, p. 110): “a violência originária é fundadora do homem”. Essa premissa, é discutida inicialmente na obra de Nietzsche intitulada *Genealogia da Moral*. Nessa obra, o autor reforça que o homem desde os tempos em que não havia o registro da escrita, ou seja, o período ágrafo, precisava lembrar como fazer para satisfazer suas necessidades básicas: fome, sede, se proteger. O esquecimento das técnicas de sobrevivência implicava na morte do homem, seja por fome, sede ou por morte causada por causas externas como ataque de animais ferozes, genocídio e afins (NIETZSCHE, 1998). Logo, a violência, oriunda do esquecimento, proporcionava inúmeros tormentos e mortes ao homem (BARRENECHEA, 2005).

Assim sendo, o homem passa a empregar o uso da memória para se precaver, para não ser vítima da violência, pois tal como Nietzsche (1998, p. 50, itálico do autor) ressalta: “talvez nada exista de mais inquietante na pré-história do homem do que a sua *mnemotécnica*”. Quanto à violência reativa, considera-se aquela ocasionada por uma memória de algo elementar, ou seja, são práticas e discursos que promovem a violência devido a um acontecimento anterior ou

que o sujeito que pratica o crime, por exemplo, julgue necessário, tais como: pureza racial, expurgação de pecados, correção moral, prazer, autopromoção entre outros motivos, que o criminoso “justifique a prática da violência como necessária” (FARIAS, 2012, p. 115).

É nesta relação entre a violência originária e a violência reativa que podemos verificar um paradoxo, no que diz respeito ao crime de homicídio: primeiro o sujeito que, na ausência do Estado e seus instrumentos de acesso à educação, saúde, habitação, segurança, bens culturais, sociais, acaba sendo submetido ao estado de impotência, no qual o mesmo acaba nutrindo uma memória subterrânea dessa ausência que lhe aflige – por que não dizer um estado de violência originária? – o que, por conseguinte, corrobora para que o sujeito elenque a violência reativa, no caso a prática do homicídio, como uma ação necessária (VIANNA; FARIAS, 2015). Em suma, a memória, anteriormente necessária para a proteção do próprio homem, apresenta-se como o estopim para justificar a violência reativa do mesmo.

Após o breve apontamento sobre a violência e sua relação com a memória, vale adentrarmos um pouco no campo em que o sujeito em questão interage na prática de seu delito: a questão da morte e do matar. Quanto à morte, em termos didáticos, podemos dividir sua discussão em dois planos: individual e social. No plano individual, vale citarmos o trabalho da psiquiatra sueca Elizabeth Kübler-Ross, que elenca os “estágios da morte”, sendo: negação, raiva, depressão, barganha ou negociação e aceitação (Kübler-Ross, 2008). Apesar do seu foco de pesquisa ser aplicado comumente a pacientes terminais, a autora apresenta estes tópicos como estágios comuns do nosso psiquismo perante a morte, sendo que não aparecem necessariamente na ordem citada, podendo até mesmo mesclar-se em mais de uma variante.

Abrindo espaço para pensarmos o plano social da morte, temos as contribuições do *historiador das mentalidades*, Philippe Ariés, que subdivide a atitude do homem diante da morte em três dimensões: a primeira, é a consciência humana de sua finitude, resumida na fórmula *et moriemur*, ou morreremos todos (ARIÉS, 2012). A segunda, é a importância que o homem dá

a sua própria existência, atitude que aparece no século XII, conceituada como a morte de si. No século XVIII com o surgimento do romantismo, entendido como um movimento artístico, político e filosófico europeu de valorização da relação do sentimento com a vida, em que o homem dá um novo sentido para a morte. O indivíduo romântico: “exalta-a, dramatiza-a, deseja-a [...] mas, ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e assim, a morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro” (ARIÉS, 2012, p. 66).

Aprofundando um pouco mais sobre a atitude do homem perante a morte do outro, entende-se que essa é uma concepção genérica, uma vez que aborda o outro em toda a sua amplitude, abrigando pessoas próximas, vizinhos, grupo e sociedade. Aqui encontra-se a proposta de Ariès em sua essência, em que qualquer relação que desenvolvemos com o outro é uma atitude tomada perante as influências da morte no plano social.

Todavia, podemos especificar essa concepção do outro para aquele que nos é íntimo, como é o caso da relação do indivíduo com seus genitores, seus filhos, netos que tenham uma afinidade estabelecida, marido, mulher, ou mesmo aqueles que possuem inimizadas, enfim aquelas relações de sangue ou no qual estabelecemos nossas *afinidades eletivas* (GOETHE, 2003), tal como se intitula uma das obras clássicas de Johann Wolfgang von Goethe. Ao contrário da morte do outro que abriga a todos os homens, a morte do íntimo é mais particular e seletiva (LANDSBERG, 2009).

Após situarmos um pouco a concepção do que se entende por morte, enveredo pelas trilhas do matar, pois ambas as dimensões, morte e matar, se entrelaçam na prática violenta do homicídio. Segundo Farias (2010, p. 27): “o ato de matar, diferentemente da morte, é uma ação do homem, fazendo parte, portanto, de uma condição técnica: esse ato não faz parte das coisas do mundo; tampouco é algo da natureza”. Em síntese, matar envolve um complexo de causa e efeito praticado pelo próprio homem, que, independente do método, pratica o delito em questão.

A prática do matar remete a devastação do semelhante, sendo um meio de dessubjetivação do homem, pois para tal ato acontecer, considera-se que houve o aparecimento de diferenças entre ambas as partes, ou seja, entre aquele que mata e a vítima (FARIAS, 2010). Logo, podemos dizer que a relação entre morte e o matar encontra-se no psiquismo do criminoso, porém mais do que considerar a violência do homicídio, inerente unicamente ao ato de matar, é crucial entendermos que a violência envolve um complexo que está para além do ato, por exemplo, o mal estar na vida do homem que praticou o delito, que lhe aflige desde a sua infância, o desamparo do mesmo e de sua família pelas políticas públicas, ou mesmo a ausência de um corpo familiar presente, entre outros motivos, que agem como premissas para a prática do homicídio.

Diante do exposto, entende-se que, a relação entre a morte e o matar, é uma constante quando se discute a criminalidade, especificamente o homicídio, e como tal considera-se essencial refletir essa questão no âmbito da Memória Social, bem como torná-la acessível para pesquisadores, o próprio sujeito que praticou o homicídio e o público em geral que, de alguma forma, tenha interesse em conhecer sobre esta problemática social que envolve reflexões sobre a violência, saúde, criminalidade, memória, informação e inclusão social. Para a aplicação deste projeto, é de vital importância o acesso e a disseminação de informação sobre o assunto, localizados especificamente nos relatos autorais do sujeito que praticou o delito em questão.

Sabe-se que os relatos autorais, e os testemunhos de um modo geral, são ferramentas da memória, sendo algo insubstituível, uma mensagem singular (SELIGMANN-SILVA, 2008). Portanto, acredita-se que esta ferramenta, categorizada como uma fonte primária, é crucial para o entendimento sobre uma violência que, para além da criminalidade, remete a violência sofrida pelo próprio criminoso. A importância dos documentos em questão não se aplica somente para pesquisadores, por exemplo, das áreas de psicopatologia forense, criminalistas, pesquisadores das áreas de ciências sociais e afins. Os testemunhos, seja em formato escrito ou oral, são ferramentas necessárias também para o próprio criminoso, pois todo aquele que está envolvido de

alguma forma numa situação radical de violência, sofre pela carência, e necessita da oportunidade de narrar suas experiências (LEVI, 2013; SELIGMANN-SILVA, 2008).

Essa necessidade elementar que Primo Levi e posteriormente Seligmann-Silva afirmam, é algo que se aplica para qualquer pessoa que é afligida pela violência, seja aquele que sofre pelos traumas do acontecimento, ou mesmo aquele que sofre com a culpa, neste caso, ocasionada pela prática do matar. Em síntese, já que não podemos colher os relatos e fazer uso das experiências de pessoas que se afogaram, deve-se pelo menos não negligenciar os relatos daqueles que sobreviveram, mesmo sendo os que detém a culpa do acontecimento (LEVI, 1990).

Segundo Ambrosio (2012, p. 402): “a lacuna temporal [...] o ambiente do interrogatório, os tipos de perguntas e a linguagem usada entre interrogador e testemunha”, podem influenciar nos estudos sobre a violência de ordem traumática e seus efeitos. Portanto, pretende-se realizar uma coleta dos testemunhos já disponíveis com pesquisadores da área, além de considerar a possibilidade dos mesmos realizarem outras coletas de testemunhos para o projeto, formando uma coleção que, por sua vez fomenta uma visão distanciada do objeto tal como “um homem em voo”, ampliando nossa percepção do mundo, neste caso, dos testemunhos sobre o homicídio, e sua relação com a discussão da morte e do matar (CARVALHO, 2005).

Com base nas questões apresentadas, acredita-se que a construção de uma política de informação, no qual o desenvolvimento de um repositório temático se aplica, é necessário para a visibilidade da produção científica sobre o homicídio e seus efeitos, na perspectiva da Memória Social, bem como para tornar acessível os documentos considerados suplementares, especificamente os relatos dos crimes, por entender que esse processo de elaboração da violência, por intermédio da comunicação escrita ou oral, é, muitas das vezes, necessária para o sujeito que teve envolvimento no crime, além de ser um meio de demonstrar a importância desta tipologia documental, que apesar de ser uma fonte primária, é um material constantemente utilizado por e para

pesquisadores das diversas áreas já citadas como a criminologia, psicopatologia forense entre outros.

O repositório em questão, pretende reunir toda coleção científica sobre a questão do homicídio, considerando as seguintes tipologias documentais: relatos autorais, artigos científicos, dissertações, teses, comunicações feitas em congressos e afins. Assim, pretende-se coletar, tratar, armazenar e disseminar esses documentos, alocados em formato digital, com vistas ao desenvolvimento das pesquisas e difusão do conhecimento. Em consonância a política de informação, será discutida as implicações éticas e de segurança não só da informação, como dos sujeitos envolvidos na construção destes documentos, especificamente dos relatos autorais, em que tanto o narrador do crime quanto o pesquisador, estão envolvidos.

4 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A morte e, especificamente o ato de matar, é algo que não pode ser ignorado, uma vez que os dados estatísticos reforçam o quanto este tipo de violência aflige a sociedade ao mesmo tempo em que demonstra, pelo viés daquele que pratica tal crime, um meio ineficiente do mesmo lidar com a ausência de amparo do Estado, seus familiares e afins. Vale ressaltar que esta tipologia de violência pode envolver não apenas aquele que praticou o homicídio, como também testemunhas oculares, familiares do morto entre outros, pois a cena de morte, e a própria prática do matar infiltra inúmeras afecções, que, dependendo de como nosso corpo reage, pode contrair um excesso impossível de simbolizar, um excesso que ao invés de nos fazer assimilar o acontecimento, estabilizando nossas lembranças e diminuindo nossa tensão sobre o ocorrido, pode destruir nossas recordações (ASSMANN, 2011).

Uma das ferramentas comumente usadas é o testemunho, especificamente para o presente trabalho os relatos autorais, como meio de elaboração da violência que afeta o próprio sujeito que praticou o homicídio. A vontade de narrar os fatos e seus possíveis traumas, por intermédio de testemunhos escritos, relatos orais e afins, são meios de externalizar o corpo estranho que incomoda e danifica o psiquismo. Para Seligmann-Silva (2008, p. 66): “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”. Acredita-se que o interesse do criminoso que sofre pela culpa de seus atos, remete a necessidade de aliviar e laborar o evento traumático que os afeta segundo suas perspectivas diversas.

É por intermédio desses relatos autorais que podemos entender alguns fatores que afetam o indivíduo e que, por conseguinte, ficam incrustados como memórias subterrâneas (POLLAK, 1989). Em complemento, podemos verificar se há memórias vicárias (SARLO, 2007), a substituir a lacuna mnésica deixada pela violência, pois até mesmo a falta de informação, documentos e detalhes na narrativa destes sujeitos podem ter muito a nos dizer (ROUSSO, 1986).

Segue uma breve descrição do processo metodológico necessário para as atividades do presente projeto de tese. De início, pretende-se uma pesquisa bibliográfica para melhor definir o recorte e os detalhes a serem abordados e discutidos no projeto. Em seguida, será feita a coleta dos relatos autorais, por meio das seguintes fontes: grupos de pesquisa, contato com professores e pesquisadores, publicações bibliográficas e acesso a dossiês com relatos autorais provenientes de projetos de pesquisa já finalizados. Cogita-se a possibilidade de coletar relatos autorais *in loco*, tendo para além do sujeito apto a narrar o crime, um profissional da área de psicanálise para conduzir as entrevistas.

A seguir, pretende-se analisar os dados utilizando-se o método de triangulação, ou seja, analisar e cruzar os dados coletados nos diversos instrumentos utilizados, neste caso a bibliografia publicada, os dossiês, e as entrevistas conduzidas, para verificar, por intermédio da seleção de trechos dos relatos, as tipologias de violências que afetaram o sujeito que praticou o homicídio, além de verificar a importância informacional dos documentos em questão.

A proposta de construção de uma política de informação para o tratamento, armazenamento, organização e disseminação destes relatos e demais documentos pertinentes a questão do homicídio será um diferencial importante. Todavia, questões como a ética, a segurança da informação e dos atores envolvidos nos documentos – pesquisador/narrador – são questões cruciais a serem discutidas no decorrer da pesquisa.

Pretende-se utilizar a estrutura de um repositório temático para abrigar estes documentos, o que permitirá novos cruzamentos de dados, constituindo e conseqüentemente propiciando não só a disseminação da informação, mas também a geração de conhecimentos, além de promover subsídios para a diminuição de iniquidades no acesso a informação em saúde (GUIMARÃES; SILVA, 2011), por exemplo, o desenvolvimento de pesquisas epidemiológicas, avaliação da situação de saúde, estatísticas de mortes evitáveis e afins (LAURENTI; JORGE; GOTLIEB, 2013).

Em síntese, o projeto pretende promover novas discussões e olhares para a questão da violência, especificamente da problemática do homicídio, além de propor reflexões sobre os relatos autorais, que agem como um monumento-documento (LE GOFF, 2012) daqueles que praticaram tal ato, promovendo a interdisciplinaridade entre diversos campos do saber tais como: Biblioteconomia, Memória Social, Segurança Pública, Saúde Pública e afins.

5 RESULTADOS ESPERADOS

Seguindo as etapas mencionadas no decorrer do projeto, podemos visualizar alguns resultados. O primeiro resultado esperado é a externalização e, por conseguinte, a elaboração do sofrimento ocasionado pela prática do homicídio, pois sabe-se que a prática do matar é algo que aflige não apenas a família da vítima como também aquele que cometeu o delito, uma vez que o simples sentimento de culpa pode assombrar e traumatizá-lo para sempre.

O segundo resultado esperado, é que a análise de conteúdo dos relatos autorais permita-nos pensar em uma construção de uma política de informação, uma vez que esta tipologia documental nos apresenta inúmeras complexidades de cunho ético e moral que devemos considerar no momento de estruturar este acervo e torna-lo acessível para pesquisadores em geral.

Em complemento, o terceiro resultado seria a construção de um repositório temático, com o objetivo de organizar, tornar acessível e permitir o povoamento constante de documentos, principalmente de relatos autorais, que no momento se encontram fragmentados ou mesmo incomunicáveis com diversos projetos de pesquisa que possuem como produto a construções destes relatos. O repositório em questão também poderia agir como um “farol” a iluminar a construção de novos projetos, que por sua vez pudessem abrigar seus respectivos relatos autorais neste repositório.

O quarto resultado, seria o entendimento, ou melhor, o desenvolvimento de pesquisas que permeiam a temática do homicídio, pois o acervo construído por relatos autorais deste tipo de crime, são fontes primárias, construídas tanto pelos pesquisadores como pelos sujeitos que praticaram o ato, que descreveram muita das vezes de próprio punho o acontecimento e os motivos, voluntários e involuntários, que levaram a tal prática. O quinto resultado esperado é a criação de políticas públicas de socialização do sujeito que praticou o crime de homicídio.

REFERÊNCIAS

AMBROSIO, Gabriela. Psicologia do testemunho. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 395-407, jul./dez. 2010.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Unicamp, 2011.

BARRENECHA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, Josaida de Oliveira; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos (Org.). **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005. P. 55-72.

CARVALHO, Flavio de Rezende. As ruínas do mundo. In: _____. **Os ossos do mundo**. São Paulo: Antiqua, 2005.

FARIAS, Francisco Ramos de. **Porque, afinal, matamos?** Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FARIAS, Francisco Ramos de. Rastros e escombros da violência: memórias do assassinato. **Cadernos de Psicanálise – CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 26, p. 103-124, jan./jun., 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **As afinidades eletivas**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

GUIMARÃES, Maria Cristina Soares; SILVA, Cícera Henrique; NORONHA, Ilma Horsth. El acceso a la información como determinante social de la salud. **Salud Colectiva**, Buenos Aires, v. 7, n. 1, p. 9-18, out., 2011.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

LANDSBERG, Paul Ludwing. **Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2009.

LAURENTI, Ruy; Jorge, Maria Helena Prado de Mello; Gottlieb, Sabina Léa Davidson. Estatísticas de mortalidade e seus usos. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.2, Jun., 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz e terra, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. Segunda dissertação: “culpa”, “má consciência” e coisas afins. In: _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 9, n.17, 1996.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELLGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Global Study on Homicide - 2013**. Viena, Áustria, 2013. P. 166.

VIANNA, Glaucia Regina; FARIAS, Francisco Ramos de. **Trauma, memória e violência**. Curitiba: Juruá, 2015.